

João Alves

Crônicas afetivas do Jequitinhonha

Maria Aparecida Moura



João Alves nasceu em 1964 em Tingui, arredores de Taiobeiras, no Vale do Jequitinhonha.

Cronista do cotidiano do povo simples da região, João atentou-se para a arte da cerâmica já na infância. As visitas que fazia ao pai na olaria da cidade eram um momento mágico e a oportunidade de levar consigo pequenas porções de barro e esculpir objetos e animais em brincadeiras cotidianas.

Naquela época as pessoas perceberam que ele tinha talento e o incentivaram a tentar outros tipos de objetos. Assim, começou a criar presépios e a aperfeiçoar a sua habilidade como escultor.

Com o passar do tempo, despertou-se para o interesse de contar histórias através de suas esculturas. Recorda-se que a primeira pessoa em quem se inspirou para criar esculturas foi a avó que trabalhava como fiandeira e, a partir dela, criou muitas outras diferentes. Hoje são mais de 100 histórias e ofícios materializados por sua escultura minuciosa. Nada parece escapar ao seu olhar aguçado e atento.

É possível notar uma forte influência e diálogo da obra de João Alves com a de Maria Assunção Ribeiro, artista de Taiobeiras, falecida em 2002. Ambos tomaram como referência estética os saberes e fazeres da vida rural.

João acredita que cada artista tem a sua marca, origem e história.

O artista se diz comovido pelas diferentes formas de o público apreciar o seu trabalho. Percebe que cada um consegue ver uma história diferente nele. Ainda se lembra de uma ocasião em que expunha em uma feira da UFMG e conheceu uma senhora que foi às lágrimas diante de uma de suas esculturas, que, segundo ela, retratava em detalhes a história dela. A senhora acabou por comprar a peça e a história de ambos foi eternizada em jornal que registrou esse momento sublime do encontro entre o artista e o seu público.

Para João Alves a escultura mais marcante foi o oratório, que ele chama afetuosamente de “a devota”. Com esse trabalho, João ficou em quarto lugar em um concurso organizado pela Unesco em 2005. Ele se lembra que eram mais de 200 artistas e que, entre eles, ficaram Dona Isabel em primeiro lugar, Noemisa em segundo e Ulisses Pereira em terceiro.

Destaca que a arte é um dom, algo muito importante na vida das pessoas. Para ele, as pessoas que valorizam a arte são, elas mesmas, verdadeiros artistas também. Nesse sentido, sonha com a ampliação das formas de valorização da arte e em continuar o seu trabalho e a sua capacidade de imaginar e criar, a cada dia, uma nova escultura-história capaz de encantar as pessoas.

João é casado com Sônia, com quem tem dois filhos. Com ela divide o ofício de dar vida e dignidade às histórias das pessoas do Vale.

O Vale do Jequitinhonha tem um lugar especial em sua vida. Para o artista, o Vale representa tudo de bom. É um lugar de pessoas simples e lutadoras que vão sempre em frente, sem nunca abaixar a cabeça diante das dificuldades.

MARIA APARECIDA MOURA

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ São Paulo. Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Fondation Maison des Sciences de l'Homme - FMSH/ Paris. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Para João todas as vidas do Vale são importantes e, desse ponto de vista, esforça-se para, por meio de sua arte, torná-las públicas e admiráveis.



